

Racine, Jean. *Fedra*. Transcrição em versos dodecassílabos portugueses, posfácio e notas António Barahona. Porto: Porto Editora: Biblioteca Sudoeste, 2003.

FEDRA

Sim, príncipe, languesco e ardo por Teseu;
Amo-o, sim, não como o viram os infernos,
De mais de mil mulheres, adorador volúvel,
Que vai, ao Deus dos mortos, desonrar seu leito;
Mas fiel, orgulhoso, até um pouco esquivo,
Sedutor, jovem que arrebatava os corações,
Como o pintam os Deuses, ou tal como vos vejo.
Ele tinha o vosso porte, os vossos olhos, fala,
Esse nobre pudor coloria seu rosto,
Quando os mares navegou a caminho de Creta,
Digno de ser amado p'las filhas de Minos.
Que fazíeis, então? E, por quê, sem Hipólito,
Se reunia a nata dos heróis da Grécia?
Por quê, 'inda tão jovem, não pudestes vós
Embarcar no navio, que o trouxe às nossas margens?
Esse monstro de Creta vós teríeis morto,
Apesar dos meandros do seu esconderijo.
E p'ra desenredar o embaraço incerto,
Minha irmã vos armara as mãos co' fio fatal.
Mas não, no mesmo intento iria à frente dela;
Seria amor a inspirar-me tal ideia.
Príncipe, era eu vosso útil socorro,
Que vos ensinaria a andar no labirinto.
Oh! Quantas aflições por tão bela cabeça!
Não bastaria um fio p'ra acalmar vossa amante.
Companheira do p'riego, e de quem precisáveis,
Eu quereria à vossa frente caminhar.
Fedra, descida ao labirinto só convosco,
Só seria convosco encontrada ou perdida.

Cruel! Ah! Tu bem me entendeste.

Falei bastante claro p'ra que duvidasses;
Ah! Vais conhecer Fedra em todo o seu furor:
Amo. Amo-te. Não penses que neste instante,
Inocente a meus olhos, me aprovo a mim mesma,
Nem que do louco amor que me turva a razão
Cobarde complacência nutra o seu veneno.
Objecto de infortúnio das iras celestes,
Abomino-me mais do que tu me detestas.
As minhas testemunhas são Deuses, os Deuses
Que acenderam em mim fogo fatal à estirpe.
Os Deuses que se gabam da cruel vitória
Sobre este coração duma frágil mortal.
Em espírito, tu próprio, recorda o passado.
Não chegava fugir de ti; cruel, expulsei-te.
Eu quis que me julgasses odiosa, inumana;
E, p'ra te resistir, teu ódio provoquei.
Afinal, que lucrei, com inúteis cuidados?
Tu odiavas-me mais, eu não te amava menos.
Infortúnio de novos encantos te vestia.
Enlanguesci, sequei nos fogos e nas lágrimas.
E, p'ra que o saibas, só precisas dos teus olhos,
Se um momento os teus olhos me pudessem ver.

Indigna confissão, julga-la voluntária?
Temendo por um filho, que não quis trair,
P'ra não mais o odiares, eu vinha suplicar-te.
Frágeis projectos d'alma cheia de paixão!
Pobre de mim!, que só pude falar em ti.
Vinga-te: pune-me por este amor odioso.
Filho ilustre do herói que te legou a vida,
Dum monstro que t'irrita livra o universo.
Viúva de Teseu atreve-se a amar Hipólito!
Crê-me, o monstro horrível não deve escapar-te.
Olha o meu coração: fere-o com tuas mãos.
Impaciente já de expiar sua ofensa,
Sinto que sai do peito, ansioso desse gesto.
Vá, fere. Mas, se o julgas indigno dos teus golpes,
Se teu ódio me inveja um suplício tão doce,
Se de sangue tão vil não te quiseses manchar,
À falta do teu braço, dá-me a tua espada.
Dá-ma.